

Coleção Aventuras Grandiosas

Mary Shelley

FRANKENSTEIN

Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral

2ª edição

 EDITORA
RIDEEL

CARTA 1

de Robert Walton para Margaret Walton Saville.
Março de 17—

Minha querida irmã.

Estou bem. Fique feliz porque até aqui minha viagem tem sido muito boa. Lutei seis longos anos para viver os momentos que estou vivendo agora. Não se preocupe comigo. Quero descobrir uma passagem no Ártico, quero ser o primeiro homem a cruzá-lo, esse é meu sonho.

Meu navio está centenas de quilômetros ao norte de Londres, o ar se torna mais frio à medida que navegamos. Enviei esta carta na penúltima localidade russa. Quando este **RELATO** chegar às suas mãos, eu já terei passado do último vestígio humano ao norte da Europa e já terei deixado o mundo civilizado. Mas não se preocupe. Eu vou tranquilo, em busca do silêncio total, do branco da paz, da imensidão gelada do Polo Norte. Quero ser o primeiro homem a atravessá-lo. Ore por mim, minha querida irmã. No final tudo vai dar certo.

Seu afeiçoado irmão,
R. Walton

CARTA 2

Julho de 17—

Margaret, como eu gostaria que você estivesse aqui. Sinto tanto a falta de alguém para conversar.

Os homens da tripulação são muito **TOSCO** para que seja possível manter uma conversa elevada com eles. Além disso os dias se arrastam lentamente. Em meus pensamentos estou cercado de gelo e neve e, na verdade, a cada dia meu navio cruza por mais pedaços de gelo. Eles se desprendem das grandes geleiras do norte e vêm boiando rumo ao sul. Quando o dia está claro, navegamos com cuidado, desviando deles. A cada dia eles se tornam maiores! É um sinal, querida irmã, é um sinal. Estamos nos aproximando do Polo Norte.

Mantenha a fé e a luta aí na Inglaterra, que eu farei minha parte aqui “em cima”. Deus lhe abençoe.

R. Walton

P.S. Enviei esta carta de Arcângelo, a partir de agora não há mais postos dos Correios no caminho, portanto não poderei lhe escrever até que tenha cruzado o Polo



RELATO: narração, notícia



TOSCO: bronco, rude

Norte. Torça para que tudo dê certo e para que, dentro de alguns meses, você receba uma carta minha vinda da América do Norte.

CARTA 3

Julho de 17—

Surpresa!

Minha adorada irmã.

Inacreditavelmente encontrei um mercador a algumas milhas de Arcângel. Ele me disse que rumava para a Inglaterra. Então pedi que postasse esta carta num dos Correios de sua Majestade tão logo estivesse em solo inglês. Espero que ele tenha conseguido e que você esteja lendo estas linhas agora.

Enfrentamos duas fortes tempestades e um bloco de gelo bateu no casco, quebrando um pouco do madeirame, mas os experientes marujos de minha tripulação não estranharam a situação e tudo pôde ser devidamente consertado. O ar frio e a solidão destas latitudes deixam os homens inquietos, mas eles foram valiosos em **REPARAR** os danos sofridos pelo navio.

Por isso, fique calma e continue depositando sua fé em mim e na minha expedição. Sinto que estou perto de fazer uma grande descoberta. Que os céus a abençoem, Margaret.

R. Walton

CARTA 4

Diário de Bordo do Capitão Robert Walton
Agosto de 17—

Minha irmã.

Não sei quando seus belos olhos poderão ler estas linhas. Estou preso no gelo, longe do resto do mundo e não há como lhe enviar estas palavras que lhe escrevo em meu diário de bordo. Contudo, meu desejo de lhe escrever é grande. Preciso falar dos estranhos acontecimentos que ocorreram nos últimos dias.

Nosso navio se encontra cercado por blocos de gelo. Nossa situação é delicada. Temos que esperar que algum desses blocos se mova e rezar para que não se mova em nossa direção! Os homens estão intranquilos, preocupados. Fomos envolvidos por um nevoeiro muito forte, que além de “amarrados”, nos deixou “cegos”.

 **REPARAR:** consertar, arrumar

Esse nevoeiro durou mais ou menos duas horas e, quando ele passou, pudemos ver que estamos muito perto da costa, podemos avistá-la, branca e quieta. Uma vastidão infinita de planícies de neve. Confesso que até mesmo eu, o autor de toda essa aventura, fiquei ansioso. A sensação de solidão e abandono começava a nos desesperar e eu não sabia ao certo o que dizer à tripulação, quando a estranha visão ocorreu.

Cruzando o gelo, ao longe, percebemos uma carruagem baixa, fixada a um trenó e puxada por vários cães. Ela devia estar a uns três quilômetros de nós, mas era possível distinguir bem seus movimentos com a luneta. O curioso é que, guiando esse trenó, vinha um homem de proporções muito grandes. Ficamos observando a progressão dele com as lunetas até que sumisse num acidente do relevo.

Para nós, que julgávamos estar longe demais de qualquer forma de vida humana, aquela aparição foi muito animadora. Se havia um ser humano ali, num trenó com vários cachorros capazes de enfrentar a **HOSTILIDADE** do ambiente, então por que nós, **MUNIDOS** de um navio e vários aparatos tecnológicos, não poderíamos?







Passamos as horas seguintes discutindo quem seria aquele **INTRÉPIDO** viajante. Quando ouvimos um barulho muito forte. Era um dos blocos de gelo que se desprendia, agitando o mar, o navio e os outros blocos. Quando o mar se aquietou, estávamos livres. Mas havia anoitecido e achamos melhor esperar até que os blocos de gelo despedaçados se dispersassem, pois seria arriscado navegar à noite com tantos deles em volta de nossa embarcação.

Quatro horas depois, quando a rápida noite do ártico acabou, subi ao convés e encontrei todos os marinheiros na **PROA** do navio. Pareciam estar conversando com alguém. Aproximei-me e vi que falavam com um estranho, tentavam convencê-lo a entrar no barco. O **IMEDIATO** me disse que o homem estava com medo de subir, por isso pediu que eu desse minha palavra de capitão de que ele estaria seguro em nosso navio.

Quando cheguei na murada no navio, vi que o estranho estava no trenó que tínhamos visto no dia anterior. Ele, seu trenó e apenas um cão estavam sobre um bloco de gelo menor que se desprendera da costa. Ao contrário do que eu imaginei, ele não era um esquimó, nem nativo daquela região. O estranho tinha traços europeus. Tentei motivá-lo:

— Suba em nosso navio, antes que congele. Sou o capitão, pode confiar em mim.
 — Tu-tudo bem. Mas antes que eu suba, diga-me qual o destino de seu navio?
 — Esta é uma expedição que pretende chegar ao Polo Norte e cruzá-lo! — respondi **RADIANTE**, como se aquele roteiro fosse o mais comum do mundo. O homem imediatamente estendeu seu braço e nós o içamos a bordo.

No convés ele nos olhou com gratidão e desmaiou. Mandei que trocassem suas roupas molhadas por agasalhos secos e que o enrolassem em mantas de lã. Aquele homem era um sobrevivente. Devia estar realmente exausto, pois estávamos

-  **HOSTILIDADE:** agressividade, dureza
-  **MUNIDO:** equipado
-  **INTRÉPIDO:** corajoso, destemido
-  **PROA:** parte da frente de um navio
-  **IMEDIATO:** segundo comandante de um navio
-  **RADIANTE:** empolgado, feliz

a centenas de quilômetros do vilarejo mais próximo. Muitas dúvidas percorriam minha cabeça. Quem seria ele? O que estaria fazendo naquele local tão ermo? Quem era e onde estaria o homem gigante que o seguia? O que acontecera com os outros cães que puxavam o trenó? Quanto resgatamos o pobre homem, seu cão não parava de tremer e estava totalmente manchado de sangue, provavelmente sangue dos outros cachorros.

Eram muitas perguntas, mas o homem estava muito **ESTAFADO** para poder respondê-las. Ordenei que minha tripulação o deixasse descansar na minha cabine, mas, assim que chegou lá, o ar quente o fez desmaiar. Por isso o conduzimos de volta ao convés, onde **UNTAMOS** seu corpo com conhaque. Aquecido, ele esboçou uma melhora. Então ordenei que o levassem para perto do fogão a lenha da cozinha, onde lhe demos pão, leite morno, sopas quentes e um pouco de frutas em suas refeições. Ao final de dois dias dormindo sob vários cobertores, ele acordou com alguma energia para conversar. Pedi aos marinheiros que o levassem à cabine novamente.

Os olhos dele tinham um aspecto parado, **À ESPREITA**, como se ele fosse selvagem. Mas, quando lhe fazíamos algum agrado, a expressão de seu olhar era pura gratidão, e o homem parecia voltar à civilização. Após o jantar, aproveitando essa mudança, comecei a conversar com ele.

Minha irmã, lembra que em outra carta eu me queixava da solidão desta viagem? E reclamava não ter amigos cultos o suficiente para conversar? Pois bem, meu hóspede se revelou uma pessoa muito instruída, o que me deixou muito contente. Vítor Frankenstein, esse é seu nome, tem uma mente brilhante e comunica-se com rapidez. Tivemos longas conversas e nos tornamos bons amigos:

— Vítor, o que você estava fazendo numa região tão distante e perigosa?

— Eu persigo um demônio — ele disse, para o meu espanto.

— Um demônio? Como assim? Com chifres e cauda?





— Não. Eu o chamo de demônio porque ele causou muitas desgraças para minha família e arruinou minha vida. Ele é muito alto, **CORPULENTO** e viaja num trenó como o meu.

— Ah! Então nós o vimos um dia antes de termos encontrado você. Um sujeito muito alto, guiando um trenó puxado por cães.

Aquela informação iluminou o rosto de Vítor Frankenstein. Imediatamente ele começou a fazer perguntas sobre a localização do “demônio”. Respondi a todas elas com paciência, mas minha vontade era de perguntar o que havia acontecido de tão ruim com ele e sua família e por que seu inimigo havia agido assim? Mas Vítor ainda estava fraco e achei melhor poupá-lo de um interrogatório. Contudo, ele continuava me fazendo várias perguntas:

— Quando o bloco de gelo se partiu e meu trenó ficou sobre ele, você acha que o demônio podia estar lá? Você acha que ele foi morto no degelo?

— Eu não sei, Vítor. O gelo se rompeu à noite. Não havia visibilidade. Talvez ele não estivesse lá. Só escutamos o estrondo do degelo.

-  **ESTAFADO**: cansado, estressado
-  **UNTAMOS**: molhamos
-  **À ESPREITA**: à espera, na expectativa
-  **CORPULENTO**: forte, grandão

À medida que se recupera, quando não está dormindo, Vítor passa algum tempo no convés do navio. Tem esperanças de rever seu inimigo. Temos conversado muito nesses dias frios. Sua companhia é agradável, mas quando perguntou sobre o propósito de uma expedição tão ao norte do planeta, eu respondi, e seu rosto foi se fechando a cada palavra que eu dizia:

— Eu sonho em atingir o Polo Norte e encontrar uma passagem navegável no gelo.

— Por que você quer fazer isso, Robert? O que você vai ganhar com isso?

— Vítor, eu quero entrar para a História. Quero ter meu nome reconhecido como um benfeitor da humanidade!

— Mas isso é uma loucura, Robert. É **INSENSATO** pôr em risco as vidas de vários homens por um capricho pessoal. Desista enquanto há tempo. Não siga sua loucura, como eu segui a minha. Se você soubesse tudo o que eu sofri e ainda sofro por ter sido ambicioso e egoísta, você abortaria sua missão agora. Mesmo sabendo que posso ser acusado de mentiroso por você, vou lhe contar minha história, Robert. Ouça minha longa história, eu espero que meu exemplo sirva, ao menos, para salvar a sua vida e a vida de seus homens.

Escutei durante alguns dias a estranha e magnífica história do Doutor Vítor Frankenstein. Ele a contava com tanta **ELOQUÊNCIA** que à noite eu me recolhia à minha cabine e, com o máximo de exatidão possível, passava as palavras dele, que ainda boiavam nítidas nos meus ouvidos, para o meu diário de bordo.

CAPÍTULO 1

Sou Vítor Frankenstein, membro da ilustre família dos Frankenstein de Genebra. Meu bisavô e meu avô foram políticos importantes na Suíça. Meu pai exerceu cargos públicos com muita integridade até se aposentar. Devido à sua dedicação como político, demorou a casar-se, tendo-o feito mais por obra do acaso do que por iniciativa própria.

Quando soube que seu amigo Beauford, que fora um rico comerciante, havia perdido tudo o que tinha e estava vivendo numa situação de pobreza, meu pai foi procurá-lo. Beauford estava muito doente e tinha vergonha de sua condição. Morava num **PARDIEIRO**, onde era cuidado por sua filha, Caroline. Ela trabalhava trançando palha e com os poucos **DIVIDENDOS** desse subemprego conseguia o suficiente para a sobrevivência dos dois.

Beauford morreu alguns dias após meu pai tê-lo encontrado. Caroline ficou órfã e teria passado muitas dificuldades se meu pai não a levasse para morar na casa de uns parentes nossos. Caroline havia tido uma ótima educação durante sua infância rica. Meu pai gostava muito de conversar com ela e os dois acabaram se apaixonando,



INSENSATO: pouco racional



ELOQUÊNCIA: boa capacidade argumentativa



PARDIEIRO: espelunca, bagunça



DIVIDENDOS: lucros

tendo casado dois anos após a morte de Beauford. A grande diferença de idade entre eles foi um fator de aproximação. Eles adoravam viajar. Por conta dessas viagens, eu nasci na Itália.

Quando eu estava com 5 anos, minha mãe queria muito ter uma filha. Por obra do destino, nessa época ela estava passando por Milão, quando um barraco muito miserável chamou sua atenção. Minha mãe tinha o costume de ajudar os pobres de Genebra, pois conhecia na pele as dificuldades dos menos favorecidos. Por isso ela resolveu que faria uma visita àquela gente humilde quando retornasse à Itália.







Alguns meses depois, meu pai e eu fomos a Milão com ela para conhecer seus protegidos. No lar muito **SINGELO**, um camponês de meia-idade dividia o pão entre seus cinco filhos. A mãe servia uma sopa que mais parecia uma água suja. Entre as cinco crianças que disputavam o alimento **ESCASSO**, minha mãe se encantou com uma. Ela parecia ter caído dos céus. Seu nome era Elizabeth Lavenza e era quase um ano mais nova do que eu. Seu rosto era angelical, os cabelos loiros, os olhos azuis. Era tão diferente daquela família, que se tornava difícil acreditar que ela tivesse laços de sangue com eles.

Notando o interesse de Caroline, a camponesa confessou que Elizabeth era filha de um nobre e que sua mãe morreria no parto. Seu pai então a entregou para aquela **ABNEGADA** família, que na época tinha uma boa situação financeira. Por questões políticas seu pai desapareceu, ninguém nunca soube se foi preso ou morto e todos os seus bens foram confiscados. Elizabeth ficou na miséria.

Devido à insistência de Caroline e vendo no casal Frankenstein a possibilidade de um futuro melhor para Elizabeth, seus pais adotivos **CONSENTIRAM** que ela fosse morar em Genebra. Quando minha mãe chegou em casa com Elizabeth, a menina foi apresentada a mim como meu presente. De cara eu me encantei por ela. Logo Elizabeth e eu nos tornamos amigos inseparáveis. Éramos como primos, irmãos e depois viramos noivos. Eu jurei protegê-la e tratá-la com carinho e ela jurou me amar para sempre.

Durante minha infância ainda tive o prazer de ver nascer mais dois irmãos, William e Ernest. Meu amigo Henry Clerval completava a turma do período mais feliz de minha vida, a infância. Tive ótimos momentos nadando no lago perto de casa e tentando entender as forças da natureza. Desde pequeno me interessei pelos mistérios do céu, da terra e da Criação. Lia muitos livros e observava bastante o comportamento da lua, a passagem das estações, os animais... Meu amigo Henry era mais interessado nas relações humanas e morais, talvez por isso nos dêssemos tão bem. Elizabeth, com sua presença, conseguia equilibrar nossas diferenças e filtrar apenas as coisas positivas delas.

Aos 13 anos tive acesso aos livros de Cornélio Agripa, um **ALQUIMISTA** romano que buscou sem sucesso meios para transformar homens em leões, pedras em ouro e poções para prolongar a vida ininterruptamente. Um dia meu pai me surpreendeu lendo esses textos e ficou **ABISMADO**.

-  **SINGELO**: simples, humilde
-  **ESCASSO**: raro, pouco
-  **ABNEGADA**: dedicada
-  **CONSENTIRAM**: aceitaram
-  **ALQUIMISTA**: praticante da alquimia
-  **ABISMADO**: perplexo, surpreso

— Esses livros não servem para nada! São bobagens superadas pela ciência.

Ah, se eu tivesse dado ouvidos a ele... mas não, meu destino parecia estar traçado. Seu conselho apenas aumentou minha curiosidade sobre aqueles autores, que foram a porta de entrada para minha desgraça. Continuei lendo os escritos de filósofos e alquimistas **OBSCUROS**. Estava fascinado pela busca da pedra filosofal e do **ELIXIR** da vida. Creio que, não fosse a presença de Elizabeth para dividir meu tempo, já naquela época eu estaria **OBCECADO** pelo assunto.

Com 15 anos, outro fato importante ocorreu. Fui testemunha de uma **MEDONHA** tempestade e tive o privilégio de ver um raio atingir um **PORTENTOSO** carvalho, iluminando a noite e causando uma grande explosão. Na manhã seguinte fui examinar aquela árvore centenária, mas ela quase havia desaparecido! A **DESCOMUNAL** força da natureza a havia transformado em pequenos filamentos de madeira. O fenômeno foi suficiente para fazer com que eu deixasse os estudos ocultistas de lado e voltasse meu intelecto para as leis da eletricidade e da matemática.

Hoje penso que aquele raio foi uma intervenção divina, tentando devolver minha vida ao curso certo, nos braços da ciência. Contudo, novos acontecimentos iriam me colocar outra vez na rota da destruição.








CAPÍTULO 2

Quando fiz 17 anos, meus pais me comunicaram que eu iria para a Universidade de Ingolstadt. Eles supunham que estudar fora e conhecer outra cultura me faria muito bem.

Poucos dias antes de minha partida, Elizabeth adoeceu. Tinha febre **ESCARLATINA** e parecia piorar a cada dia. Meu pai não deixava que minha mãe cuidasse de Elizabeth, com medo de que ela se contagiasse, mas, ao ver sua filha adotiva adoecer gravemente, Caroline ignorou a vontade do marido e ajudou Elizabeth a se recuperar. Minha amada conseguiu se curar, mas antes que pudéssemos comemorar, minha mãe contraiu a doença e veio a falecer.

Em seu leito de morte, ela nos deu vários exemplos de sua bravura, tranquilidade e coragem. Chamou a mim e a Elizabeth no quarto e pegou nossas mãos, juntando-as e disse:

— Minhas crianças, minhas maiores expectativas de felicidade residiam na união de vocês. Essa esperança ainda é o consolo do pai de vocês.

-  **OBSCUROS:** pouco conhecidos
-  **ELIXIR:** poção
-  **OBCECADO:** cego de entendimento
-  **MEDONHA:** forte, terrível, que causa medo
-  **PORTENTOSO:** grande, enorme
-  **DESCOMUNAL:** fora do comum
-  **ESCARLATINA:** doença infecciosa, caracterizada por febre e erupções de pequenos pontos vermelhos no corpo

Elizabeth e eu nos amávamos muito, mas não sabíamos se nosso amor seria aprovado por minha mãe. Quando ela disse aquelas palavras, um enorme alívio caiu sobre nossas cabeças e minha mãe morreu em paz, com uma tranquilidade expressa no rosto alvo.

Fiquei muito triste com a partida dela. Cheguei a atrasar minha ida à Universidade. Não gostaria de me afastar do lar numa hora tão delicada, mas meu bom pai me convenceu a ir e a encarar a vida de frente. Prometi a Elizabeth que nos casaríamos quando eu terminasse meus estudos e teríamos nossa lua-de-mel quando eu voltasse. Ela ficou em Genebra e tomou a frente da família, substituindo minha mãe nos cuidados com meus irmãos menores, William e Ernest.







Sozinho em Ingolstadt, resolvi me concentrar nos estudos como forma de esquecer minhas tristezas. Mas a falta de amigos, a saudade de Elizabeth e a ausência da minha mãe me atormentavam. Meu começo na vida acadêmica foi difícil, pois certos professores, como Krempe, de filosofia natural, **RECHAÇAVAM** com **VEEMÊNCIA** meus estudos anteriores:

— É um absurdo! — dizia Krempe com sua voz rouca — um absurdo que na Europa de hoje, às portas do século XIX, um jovem promissor como você tenha perdido tanto tempo estudando **CRENDICES** de autores **OBSOLETOS**. Cada segundo que você gasta com essas bobagens está perdido para sempre! Para sempre!

Fiquei deprimido com tanta **REPULSA**. Minha situação só melhorou quando assisti à palestra do professor Waldman. Ele era um homem brilhante. Dizia que a ciência operava milagres cada vez mais frequentes. Já era possível esmiuçar os componentes do ar que respiramos, simular terremotos, entender a circulação sanguínea e estudar o mundo invisível dos micro-organismos.

Se por um lado os alquimistas prometiam muito e tinham objetivos gloriosos, por outro lado, nada de concreto deixaram. Os cientistas contemporâneos nada prometiam, mas executavam muitas façanhas. Ver e ouvir Waldman relatá-las me reanimou. Decidi procurá-lo, contei de minhas leituras sobre os alquimistas e ele disse que todos os trabalhos produzidos na tentativa de trazer progresso para a humanidade têm seu valor. O professor me indicou livros e me convidou para conhecer seu laboratório. Lá, com o passar do tempo, tornei-me seu discípulo e aprendi a manipular fórmulas, testar experimentos e usar máquinas sofisticadas.

No começo dos meus dias em Ingolstadt, escrevia com frequência para minha família e adorava receber as cartas de Elizabeth. Ao mesmo tempo, escrever me deixava triste, pois as palavras me transportavam ao convívio familiar e eu lembrava minha saudosa mãe. Com o tempo fui sendo progressivamente absorvido pelo trabalho e fui deixando de me comunicar com Genebra. A pesquisa passou a ser minha vida. Para meu pai, o fato de eu não escrever significava que tratava a família com **DESLEIXO**.

-  **RECHAÇAVAM**: combatiam
-  **VEEMÊNCIA**: afinco, força
-  **CRENDICES**: superstições
-  **OBSOLETOS**: velhos, ultrapassados
-  **REPULSA**: advertência, crítica
-  **DESLEIXO**: falta de cuidado

Esse seu orgulho impediu que Elizabeth fosse me visitar e, de certa forma, me deixou livre para me dedicar totalmente à minha loucura científica.






Tentava associar a nova ciência com o ideal alquimista do elixir da vida. Em meu descontrole, queria ludibriar a natureza e driblar a morte. Perseguiu uma forma de tornar o ser humano imortal e perfeito. Montei um laboratório no sótão do velho sobrado onde morava e lá passava dias e noites, lendo, fazendo anotações, testando fórmulas, aplicando princípios, fazendo experimentos. Habituei-me a dormir pouco e mesmo nesses sonhos minha vida era atormentada. Tinha pesadelos com Elizabeth. Era meu subconsciente criticando minha ausência e **REPREENDENDO** meu comportamento.

Ao todo, levei três anos pesquisando e, nesse período, nunca retornei a Genebra. Até que numa manhã nublada eu descobri o segredo que rege o princípio da vida e como mantê-lo. Não sei como, dentre as tantas mentes brilhantes que estudaram o assunto, eu fui o escolhido para desvendá-lo. Já nos primeiros testes eu era capaz de animar pequenos animais mortos, como sapos, e partes isoladas do corpo humano, como braços e mãos.

Como os testes iniciais deram certo, resolvi partir para um projeto grandioso. Já havia conseguido sintetizar o elixir da vida, agora me faltava criar um ser perfeito, que melhorasse a espécie humana. Por isso vaguei pelos cemitérios, arrombando-os e violando suas sepulturas na calada da noite. Ia em busca da melhor matéria-prima, queria que meu invento tivesse proporções gigantescas, que justificassem a maravilha de minha descoberta. Com minhas qualidades de perito em Fisiologia, Anatomia e Práticas Cirúrgicas, fui montando minha criatura.

Durante aquele tempo de **ÁRDUOS** trabalhos, mantinha meu projeto em segredo. O laboratório, mesmo estando no alto da casa, tinha suas janelas sempre fechadas. Durante o dia eu pesquisava, à noite roubava cadáveres. Três primaveras se passaram sem que eu tivesse visto suas flores e seus pássaros. Três verões derramaram seu sol sobre a Europa sem que eu tivesse aproveitado sua energia. Como resultado, minha pele **EMPALIDECEU**. A falta de sono me envelheceu e me deixou com fundas **OLHEIRAS**. Emagreci muito e meus músculos enfraqueceram. Toda minha energia era voltada para a conclusão do projeto. Somente após a glória da descoberta é que eu pensava em me divertir, praticar esportes, curtir a natureza, retornar à minha família e rever Elizabeth.

Deus sabe o quanto me **EQUIVOQUEI**. Ah, se eu pudesse voltar no tempo... Hoje sei que nada, coisa nenhuma vale mais do que a paz e a tranquilidade do ser humano. Se suas paixões tomam a maioria do seu tempo, se elas o afastam daqueles a quem você ama e das coisas simples da vida, então você está no caminho errado. Cuidado!

-  **REPREENDENDO:** criticando
-  **ÁRDUOS:** difíceis, duros
-  **EMPALIDECEU:** tornou-se pálido, branco
-  **OLHEIRAS:** manchas abaixo dos olhos
-  **EQUIVOQUEI:** enganei

CAPÍTULO 3

Devido à imensa força destrutiva dele e da grande desgraça que trouxe à minha vida, eu não entrarei em detalhes quanto ao funcionamento do princípio vital. Destruí todos os meus apontamentos pela mesma razão. O fruto de minha loucura **OBSESSIVA** não deve ser compartilhado com a humanidade.





Posso contar, sim, dos horrores que se acometeram sobre mim a partir do instante em que concluí meu projeto. A chuva espancava a vidraça. Era uma hora da manhã. Pus a maquinaria em funcionamento e, ao receber a descarga de energia, a criatura abriu seus grandes olhos amarelados. Ao ver que ele tinha... vida, meus olhos se arregalaram e minha pele se arrepiou. Lembro de ter me encostado na parede, como se quisesse fugir dali, enquanto via a criatura mexer os braços de modo débil.

Em meu pensamento a frase “O que foi que eu fiz?! O que foi que eu fiz?!” gritava ininterruptamente. A criatura se sentou na mesa onde estava. Sua pele era amarela, como a dos cadáveres de alguns dias. Eu havia escolhido seus membros e selecionado seus contornos para que ele fosse belo. Seu cabelo era negro, mas estava todo mal cortado devido a algumas **INCISÕES** que tive que fazer na cabeça. Seus dentes eram brancos, mas agora que sua boca se mexia produzindo sons ininteligíveis, sua dentadura parecia desproporcional ao resto do rosto, e o contraste com os lábios pretos era **REPUGNANTE**.

Quando a criatura pôs-se de pé, senti um arrepio se alastrar pela minha coluna, minhas pernas tremiam e tudo o que eu queria era fugir. Saí correndo do laboratório. Na ânsia pelo conhecimento eu tinha dado vida a uma coleção de cadáveres. Seu aspecto era terrível. Quando não tinha vida eu sabia que era feio, mas pensava que, quando estivesse vivo, o fato de representar uma revolução científica o fizesse, de certa forma, mais bonito. Mais uma vez estava enganado. Viva, aquela criatura era realmente grotesca. Sua aparência era terrível, capaz de assustar qualquer um.

Quando o dia amanheceu, eu estava perdido nas ruas de Ingolstadt. As pessoas me olhavam com curiosidade, pois minha aparência era das piores. Cabelos e barba crescidos e desalinhados, vestindo um longo avental sujo e amassado. Nessa condição, fui me afastando do centro da cidade. Na estrada, creio que, mais uma vez em minha vida, por obra divina, encontrei meu amigo Henry Clerval. Ele vinha numa diligência, dirigia-se à Universidade, pois finalmente seu pai concordara em pagar-lhe os estudos.

Não fosse Henry, eu teria morrido alguns dias depois em consequência de meu estado muito **DEBILITADO**. Clerval me acolheu e aos poucos me ajudou a retomar minha vida. É claro que o começo foi difícil. Naquela manhã, eu entrei na diligência dele e fomos até minha casa. Chegando lá um arrepio tomou conta de mim. E se a criatura ainda estivesse lá dentro? Eu tinha muito medo de encontrá-lo e mais medo ainda que Henry o visse. Minha vergonha era tanta que deixei meu amigo esperando do lado de fora, enquanto vasculhava o laboratório e a casa. Felizmente o monstro havia partido.

-  **OBSESSIVA:** incessante, maníaca
-  **INCISÕES:** cortes
-  **REPUGNANTE:** nojento
-  **DEBILITADO:** enfraquecido

Henry preparou o café da manhã e enquanto comíamos eu tive um ataque de riso. Acho que após todo o cansaço e a decepção do meu projeto, estar ao lado de um amigo de infância me fez relaxar. Fiquei eufórico, corri pela cozinha, batia palmas, dava gargalhadas. Em princípio Henry achou que eu estava feliz pela visita dele, mas depois notou a loucura em meus olhos e se assustou:

— Vítor, por que você está agindo assim? O que está acontecendo?

Enquanto eu formulava uma resposta, julguei ter visto o monstro na porta da cozinha, às costas de Henry.

— O problema é ELE! — gritei assustado.

Henry se virou, mas não havia nada lá. E eu já rolava no chão com as mãos no meu próprio pescoço, como se tentasse me estrangular. Era o princípio de uma febre nervosa que me causava alucinações. Essa doença me deixou de cama por meses.

Nesse tempo Henry cuidou de mim como um dedicado enfermeiro e um amigo fiel, pois a meu pedido omitiu essa situação de Elizabeth e de meu pai. Henry temia que, por ser muito sensível, Elizabeth sofresse em vão. Já meu pai tinha uma idade avançada e achamos melhor que ele não soubesse de nada.

O monstro havia nascido no outono. Fiquei doente durante todo o inverno. Quando a primavera chegou, comecei a melhorar. O clima mais quente me animou e eu já me sentia com forças suficientes para voltar ao lar. No entanto, tinha uma dívida de gratidão com Henry e resolvi permanecer com ele em Ingolstadt. Além disso, eu temia que a solidão fizesse mal a ele como havia feito a mim. Introduzi Henry nos meios acadêmicos, onde eu era respeitado, e me matriculei com ele no curso de línguas orientais.

Aos poucos fui retomando a correspondência com o lar. Lá em casa todos agradeciam a Henry por ter cuidado de mim e por ter enviado notícias enquanto eu estava doente. Prometi a meus familiares que na primavera seguinte eu os visitaria. Dessa forma, passei um verão muito agradável na companhia de meu amigo. No outono, um ano após minha descoberta, o laboratório permanecia fechado. Não ousei voltar ali. Henry, que ouvira durante todos os meus delírios febris a história da criação do monstro, podia até não acreditar em mim, mas sabia que algo muito forte e perturbante havia se passado comigo naquele laboratório. Algo que me fizera largar de vez as Ciências Naturais e ter verdadeira **OJERIZA** de seus instrumentos.

Durante o inverno, dediquei-me aos estudos como forma de esquecer minha desgraça, como eu estava enganado! Assim que a primavera chegou, recebi uma carta de meu pai:

“Meu querido e distante filho Vítor,

Volte para casa imediatamente. Você é a nossa última esperança de retomarmos um pouco da felicidade que existia neste lar. Gostaria que você houvesse retornado antes, quando estávamos todos felizes. Hoje isso já não é mais possível.

É com imensa tristeza que lhe comunico: seu querido irmãozinho William está morto. Foi brutalmente esgoelado quando passeávamos num dia de sol no começo da primavera. Ele e seu irmão Ernest iam na frente, Elizabeth e eu ficamos para trás e nos assustamos quando Ernest voltou perguntando por William. Eles estavam brincando de esconde-esconde até que William sumiu. Ernest voltou para saber se William es-



OJERIZA: aversão, antipatia

tava conosco, mas ele havia desaparecido. O procuramos sem sucesso até anoitecer. Quando anoiteceu, peguei tochas e segui as buscas. Encontrei o pequeno Willie caído no mato. Sua pele estava dura e branca. Toda a alegria daquele jovem espírito havia sumido. Seus belos olhos azuis estavam estralados numa aparência de medo. Ele estava morto e seu pescocinho todo amassado e marcado pela mão assassina que levou sua vida. Não temos pistas do assassino, sabemos apenas que deve ter matado para roubar uma pequena medalha que William usava naquela tarde e que sumiu de seu pescoço.

Volte logo, meu filho, não aguentamos mais a sua ausência. Tente consolar Elizabeth, pois ela injustamente se culpa pela morte de William.

Com afeto e angústia, Alphonse Frankenstein”.

As lágrimas invadiam meu rosto a cada palavra que eu lia. Senti-me culpado por estar ausente durante tanto tempo. Imediatamente comecei a fazer as malas. Era hora de reencontrar minha família e encarar a realidade.

CAPÍTULO 4

Fiz uma viagem muito cansativa e angustiante. Quando estava próximo a Genebra, resolvi dormir numa pousada e descansar. Queria chegar com uma boa aparência e com bastante energia, pois minha família precisava de força.

A pousada ficava perto do local onde meu irmão fora assassinado, à beira de um lago muito calmo, mas nem assim consegui dormir. Minha cabeça continuava funcionando e o sono não vinha. Resolvi caminhar ao longo do lago. Era madrugada e um forte vento soprava. Raios rasgavam o céu e uma tempestade se aproximava. Já me dirigia ao quarto, para não pegar chuva, quando, ao clarão de um relâmpago, **VISLUMBREI** aquela figura enorme. O demônio desgraçado que eu havia criado estava diante de mim. Ao vê-lo tão perto do local onde meu irmão fora morto, tive a certeza de que ele era o culpado.

Essa ideia me congelou e nada pude fazer ao ver o monstro correr em direção à floresta. Fazia dois anos que a criatura estava solta no mundo. Quantos crimes ela haveria cometido desde então? Por onde teria andado? Como descobriria minha família em Genebra? Por que teria matado meu irmão?

Uma tonelada de dúvidas cruzava minha cabeça e não consegui descansar. Na manhã seguinte encontrei minha família. Estavam todos muito deprimidos. A lavadeira tinha achado a medalha de William nas roupas de Justine. Justine era uma funcionária da casa, muito querida de todos. Ninguém conseguia acreditar que ela fosse a culpada, estavam todos chocados com o achado. Elizabeth tinha Justine como uma irmã. Eram muito amigas e **CONFIDENTES**. As duas juntas criaram Ernest e William e eram responsáveis pela manutenção da casa.



VISLUMBREI: vi, observei



CONFIDENTES: que confiam segredos

Por tudo isso, ninguém acreditava na culpa de Justine, mesmo assim ela foi acusada e presa. Cheguei em casa no dia do seu julgamento. Elizabeth estava aflita:

— Vítor, eu duvido que tenha sido ela. Eu sinto que ela é inocente. Eu a conheço! Falei com ela e vi nos olhos dela que ela não tem culpa!

O culpado era eu, pois o verdadeiro assassino era a criatura que eu havia jogado no mundo. Por minha culpa meu irmãozinho estava morto e Justine, uma inocente, corria o risco de ser enforcada pelas rígidas leis de Genebra. Contudo eu estava enrascado. Não podia dizer que conhecia o assassino ou que o tinha “criado”. Ninguém acreditaria em mim, ainda mais após ter tido algumas alucinações nos meus vários meses enfermo com febre nervosa. Se contasse a verdade, provavelmente ela me levaria ao internato em algum **MANICÔMIO**.







Por duas vezes eu estive a ponto de confessar a Elizabeth a verdade, mas fui fraco e, no momento decisivo, faltou-me coragem. Em seu julgamento, Justine não teve chances e foi condenada à morte. Na véspera de sua execução Elizabeth e eu fomos visitá-la e eu chorei muito junto a ela, dizendo que ela não era culpada. Justine era uma mulher de muita **FIBRA** e suportou com bravura seu destino injusto e cruel. Deus, como me arrependo de minha fraqueza. Se eu pudesse voltar no tempo e confessar minha culpa! Não me importaria em ir ao manicômio, pois minha consciência estaria um pouco mais tranquila.

Com a morte de Justine, o lado sentimental de minha família ficou em **FRANGALHOS**. O clima estava muito pesado e deprimente. Meu pai resolveu que deveríamos nos mudar de Genebra para Belrive. Foi uma decisão acertada, pois nossa casa estava cheia de lembranças de William e elas nos faziam sofrer.

Em Belrive eu passava muitas horas remando no lago. Quando estava bem longe da margem e bem cansado, eu deixava a pequena embarcação e a deixava à deriva. Nesses momentos eu conseguia uma certa paz, refletia sobre minha existência e também chorava muito, **CORROÍDO** pelo **REMORSO**.

Um dia resolvi fazer um passeio pelo Montanvert, precisava respirar ares menos carregados e pensar numa alternativa para recuperar um pouco da alegria perdida em minha casa. Meus pensamentos iam longe quando tive meus nervos congelados pela visão da criatura. Ela estava parada, poucos metros à minha frente. Tive um impulso de correr, fugir dela. Mas tentei dominar meu medo e passei a olhá-la com ódio. Era a primeira vez que a via à luz do dia. Sua pele tinha um tom acinzentado, o olhar era estanque e as partes do corpo, muito desproporcionais. As cicatrizes das costuras nas diversas junções de seu corpo lhe davam um aspecto grotesco. Meu estômago **SE EMBRULHOU** quando finalmente percebi a monstruosidade da minha criação.

Num ímpeto de vingança pulei sobre o assassino de meu irmãozinho. Queria matá-lo, mas ele facilmente se desviou e eu colidi contra uma dura rocha gelada da

-  **MANICÔMIO**: hospital para alienados
-  **FIBRA**: coragem, garra
-  **FRANGALHOS**: mau estado, precário
-  **CORROÍDO**: desgastado, enfraquecido
-  **REMORSO**: sentimento de culpa
-  **SE EMBRULHOU**: modo figurado de dizer que sentiu náuseas, enjoo

montanha. Rapidamente pus-me de pé e o ataquei novamente, mas, muito mais forte e rápido, ele segurou meu braço e pediu que eu me acalmasse. Fiquei supreso ao ver que ele falava. Quando me acalmei, ele me soltou e comecei a correr pela neve.

Tentava fugir dele, precisava chamar reforços, mas foi em vão. Sua **COMPLEIÇÃO** física era muito superior à minha, e seus movimentos, embora **DESENGONÇADOS**, eram muito mais rápidos. Além disso a neve nas trilhas da montanha me deixava mais lento e cansado. Quando fiquei totalmente sem fôlego, resolvi parar e enfrentar aquele monstro, não me importando com as consequências de meu ato. Quando parei o monstro se aproximou e ficou me olhando. Pensava que ele ia me matar, mas em seu olhar havia alguma **PIEIDADE**, algum sentimento bom. Não aguentando mais a angústia por aquela situação e a raiva que sentia pelo assassino de meu irmão, falei:

— O que você quer de mim, monstro?

Por um instante ele ficou quieto, como se não soubesse o que dizer, ou como se quisesse dizer tanta coisa que não sabia qual seria a primeira. Depois, com uma voz rouca e com ritmo lento, começou a falar:








— O que eu quero de você? O que você acha? O que pode uma criatura querer de seu criador? O que um filho quer de um pai? Eu vou lhe contar minha história e as coisas ficarão bem claras para você, Frankenstein. Você me deu vida, mas dentro de um corpo monstruoso. Além disso você me abandonou! Eu fui jogado no mundo porque você se assustou com a minha feiura. Minha vida até agora tem sido uma sequência de sofrimentos. Sou temido, rejeitado e agredido em qualquer lugar que eu vá. Ninguém gosta de mim. Nunca tive um lar, uma família, uma cama confortável, uma refeição quentinha. Ninguém nunca me fez um carinho. Ninguém nunca me olhou com **TERNURA**. Você sabe o que é isso meu... pai? Você sabe o que é viver e sofrer num mundo que não foi feito para você?

— Não... eu, eu não sei o que dizer, criatura.

— Então venha comigo e escute a minha história e a minha proposta.

Eu não tinha escolha e segui o monstro pela neve até uma cabana abandonada. Chegando lá ele pôs fogo na lareira e começou a me contar seus **INFORTÚNIOS**. Logo que ganhara vida, ele não sabia quem era nem onde estava. Tampouco conseguia se manter em pé, mas em algumas horas adquirira controle sobre seu equilíbrio e, com passos cambaleantes, ganhara as ruas de Ingolstadt.

Porém, como estava quase nu (vestia apenas um capote que havia pego no meu laboratório) e tinha uma aparência **ASQUEROSA**, o monstro foi perseguido e atacado pela população. Foram muitas as pedras que o atingiram, dando-lhe “boas-vindas”. Assustado, ele **SE REFUGIOU** na floresta, onde passou fome e frio, comendo folhas e raízes.

-  **COMPLEIÇÃO**: constituição, formação
-  **DESENGONÇADOS**: desajeitados
-  **PIEIDADE**: pena, misericórdia
-  **TERNURA**: carinho, afeição
-  **INFORTÚNIOS**: desgraças, acidentes
-  **ASQUEROSA**: que causa ojeriza; nojenta
-  **SE REFUGIOU**: se escondeu

Até aprender a caçar e a escolher os melhores frutos. Com o passar dos dias, o monstro foi melhorando o domínio sobre o seu corpo. Sua audição já era capaz de perceber os pássaros, o barulho do vento nas árvores e os animais da floresta. Sua visão também ficara mais acostumada à luz do dia e à escuridão da noite. Vivendo longe da cidade, a minha criatura, o monstro do doutor Frankenstein, foi entendendo melhor que a Natureza apresentava ciclos, que a lua crescia e diminuía no céu e que dominar seus elementos como o fogo e a água seria crucial para melhorar sua condição de ser vivo.





Assim, com muitas tentativas e erros, o monstro aprendeu a lavar o rosto na água, a pescar e assar seus alimentos. Em suas andanças pela mata achou um velho caixote com alguns livros e roupas velhas que vestiu. Sem entender o que eram os livros, achou melhor guardá-los. Quando o alimento se tornou escasso na região em que se encontrava, a criatura saiu em busca de outras **PARAGENS**. Após andar por três dias, ele chegou a um campo nevado. Seus pés descalços doíam muito em contato com o gelo, algo novo para ele. Por sorte avistou um rastro de fumaça vindo de trás de um bosque. Pensou que o fogo poderia aquecê-lo e rumou para lá.

Era uma pequena e humilde cabana com um galpão ao lado. A fumaça deixava a chaminé e era realmente convidativa. Como a porta estava entreaberta, o monstro espiou dentro da cabana e constatou que parecia estar vazia. Ao entrar viu um velho que estava sentado em frente ao fogo. Ao vê-lo, esse senhor levou um tremendo susto, pulou a janela e saiu correndo, gritando campo afora.

O monstro me contou que achou estranho alguém abandonar um local tão quentinho, seco e confortável sem ao menos lutar, mas já estava se acostumando a ser rejeitado e preferiu não pensar nisso. Afinal, havia uma mesa com café, leite, pão, queijo e vinho na sua frente. Meu monstro provou todas aquelas **IGUARIAS** com curiosidade e satisfação, embora, na época, não soubesse o nome delas. Após a refeição ele dormiu e, pela primeira vez em sua vida, pôde descansar. Acordou somente após o meio-dia e seguiu sua jornada em busca de um local com mais alimentos, pois naqueles campos cobertos de neve não havia comida.

Com algumas horas de caminhada o monstro chegou a um vilarejo. Ele me disse que a visão do pôr-do-sol sobre as cabanas o deixou muito feliz. Por um momento, tudo o que ele queria era poder participar da aventura humana de um forma simples, como morador de uma pequena vila. Mas ao entrar em suas ruas e ser avistado pela população, sua aparência repugnante causou uma histeria coletiva. As mulheres gritavam e corriam, as crianças choravam e os homens lhe jogavam pedras e lhe batiam com pedaços de pau.

ACUADO, o monstro não teve outra escolha senão fugir novamente. Sua sorte foi que logo anoiteceu e ele pôde se esconder na floresta. Durante a noite, enquanto tentava se afastar do vilarejo, ele avistou uma pequena luz e, ao se aproximar dela, viu que era um chalé muito simples. O monstro estava muito abatido e machucado, por isso não queria passar a noite fria **AO RELENTO**. Então, com muito cuidado ele

-  **PARAGENS:** localidades, lugares
-  **IGUARIAS:** comidas, provisões
-  **ACUADO:** cercado, acossado
-  **AO RELENTO:** ao ar livre

entrou no galpão que servia de abrigo para as cabras e para os porcos e lá passou a noite.

CAPÍTULO 5

Quando o dia amanheceu, o monstro conseguiu ter uma ideia melhor do local onde se encontrava. A parede dos fundos do galpão era grudada à sala do chalé. Por uma pequena fresta minha criatura conseguia enxergar os movimentos e a limpeza da sala do chalé, sem que seus habitantes o vissem. Essa particularidade da casa o deixou muito feliz, pois assim ele podia observar como os humanos se comportavam e aprender com eles. Pelo pequeno buraco na parede o monstro começava a se sentir como parte da humanidade.

Ciente do valor daquela posição estratégica, o monstro empilhou algumas pedras no fundo do galpão, garantindo sua segurança e separando-se dos porcos. Depois forrou seu pequeno abrigo com palha. Decidiu também dormir durante o dia, quando havia atividade humana em volta da cabana, e ficar acordado durante a noite.

O “convívio” com os humanos foi lhe ensinando normas de conduta e noções de culinária, e, aos poucos, ele foi também aprendendo palavras muito utilizadas, como pão, bom-dia, fogo... Moravam na cabana um senhor mais velho, que era chamado de Pai pelo casal mais jovem. Ele era chamado de Félix, filho (pelo pai), e às vezes, de irmão. A garota era chamada de Ágata, filha (pelo pai) e, às vezes, de irmã (por Félix).

Minha criatura era tão solitária que se apegou muito às pessoas daquele humilde lar. Se estavam felizes, ele também ficava feliz. Se sua “família” estava triste, então ele também se entristecia. O monstro também os ajudava. À noite ele cortava lenha na floresta ou colhia os produtos na plantação e os deixava na porta do chalé. Ao amanhecer Félix, Ágata e o velho se abraçavam felizes, dizendo que aquilo só poderia ser um milagre e juntos agradeciam ao “Espírito da Floresta”.

Como era muito mais forte do que um homem normal, aquela **ABERRAÇÃO** que eu criei podia facilmente executar tarefas que Félix levaria dias para terminar. O monstro se sentia recompensado ajudando-os, como se assim fizesse realmente parte daquela família. Muito lentamente, quando estava sozinho, ele começou a imitar os sons que ouvia na casa. Ao pronunciar palavras como as que seus “amigos” pronunciavam, o monstro se sentia feliz.

Em sua ingenuidade, o simples fato de poder observar aquela família que lhe parecia tão simples e tão feliz já confortava seu coração. Porém, quando viu o reflexo de seu rosto no lago e o comparou com a beleza e a harmonia de Ágata e de Félix, uma profunda infelicidade tomou conta de seu interior. Sem entender o porquê de ser tão feio, a criatura se **INDAGAVA** e se angustiava, pensando em mim, seu criador. A perturbação causada por suas dúvidas só encontrava sossego quando ele se sentia



ABERRAÇÃO: algo fora das normas



INDAGAVA: perguntava, questionava

parte da família, quer realizando trabalhos por eles, quer apenas os vigiando.

O monstro adorava quando Ágata lia páginas e páginas de livros grossos, à noite, para seu pai e seu irmão. Mesmo sem entender quase nada, ele era seduzido pela voz clara e pelo ritmo da narrativa dela. Outra coisa que o fascinava era ouvir o velho tocar sua flauta durante a tarde, enquanto Ágata e Félix estavam ocupados trabalhando na plantação.

Com o tempo o monstro percebeu que o velho, pai de Félix e Ágata, era cego e isso o encheu de esperança. Sendo cego o velho não teria medo de sua aparência horrorosa. Restava esperar pela melhor oportunidade para se apresentar ao chefe daquela família de camponeses. Por isso a criatura resolveu permanecer vivendo no galpão colado ao chalé, ajudando e espiando a rotina de seus vizinhos.

Foi assim que ele viu quando Safie chegou ao chalé. Ela era uma linda jovem de cabelos e olhos negros e pele branca. Félix ficou muito feliz com a chegada da moça, que se vestia de modo diferente e falava outra língua, pois era árabe. O monstro disse que Félix conhecera Safie quando ambos moravam em Paris e Félix ajudara o pai de Safie a fugir da prisão onde fora injustamente condenado à morte. Félix conseguiu salvá-lo, mas teve que fugir da França por isso, indo se exilar com o resto da família naquele chalé no interior da Alemanha. Safie também fugiu, mas para outro local, e desde aquele episódio, aquela era a primeira vez que se reencontravam. A chegada dela foi providencial e deu novo rumo à vida de minha criatura.

Por ser estrangeira, Safie recebia aulas de Ágata e de Félix. Pela fenda na parede, o monstro também ia aprendendo a desvendar os segredos da escrita e da fala. Acredito que ele, assim como era superior em força, era também superior em inteligência, mas não tive tempo de comprovar isso. Contudo, **AO CABO** de alguns meses, conforme me contou, ele já conseguia entender quase tudo o que os outros diziam. Os livros que havia achado na floresta agora eram fontes de prazer e sabedoria para ele que cada vez mais mergulhava em obras complexas como “O Paraíso Perdido”, de Milton, “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, de Goethe.

A leitura dessas e de outras obras, bem como a audição das leituras de Ágata, o fizeram pensar sobre o mundo. Através da literatura ele aprendeu que o mundo estava dividido entre os ricos e os pobres, entre os que tinham diplomas ou status e os que não tinham instrução nem vinham de famílias nobres. Ele achava tal divisão injusta e se perguntava o que seria ele, que nem humano era? Sua situação piorou quando encontrou no bolso do capote que havia pego no meu laboratório anotações em que eu explicava os métodos da minha pesquisa. O monstro me contou que ficou furioso e começou a pensar em vingança quando leu que era composto de peças (matéria-prima) **ORIUNDAS** de diferentes cadáveres. Tantas dúvidas e agonias o faziam cada vez mais querer pôr em prática o seu plano de se apresentar ao velho cego e dessa forma ser aceito por aqueles a quem ele tanto queria bem, mas que nem o conheciam.

Então, numa manhã nublada em que Félix, Safie e Ágata haviam saído de casa, a criatura foi ao encontro do velho, que calmamente tocava sua flauta na sala. Com muito cuidado ele se aproximou da porta.



AO CABO: ao final, ao término



ORIUNDA: proveniente

— Quem bate?

— Com licença, senhor, eu não queria incomodar. Sou apenas um viajante cansado. Será que o senhor me deixaria repousar um pouco perto da lareira?

— Entre, meus filhos não estão e acredito que não haja comida aqui até que eles voltem daqui a pouco. Mas venha se esquentar aqui na lareira.

— Obrigado, o senhor é muito gentil.

— É apenas minha intuição, que diz que você é uma boa pessoa. Diga-me, você é francês?

— Não, eu... eu fui criado por uma família francesa, por isso aprendi o francês, mas hoje sou uma criatura solitária e que teme perder o amor dessa família.

— Amigo forasteiro, acalme-se. A humanidade tem bom coração quando os homens conseguem se manter livres de preconceitos. É preciso ter esperança.

— Esse é exatamente o meu problema! Sou uma pessoa boa, mas as pessoas se afastam de mim. Onde elas deveriam enxergar um amigo, elas enxergam uma monstruosidade inimiga e me agridem.

— Mas, se você é assim bom como diz ser, não há uma maneira de provar isso para as pessoas?

— Estou tentando, senhor. Estou tentando me aproximar da família que me ensinou a falar, faço inúmeros trabalhos para eles, e de bom coração, pois os amo demais.

— De onde é essa família?

— Eles moram perto daqui, senhor.

Por um instante o velho cego ficou pensando, como se já desconfiasse que a referida família pudesse ser a família dele. Por fim, o velho falou:

— Conte para mim toda a sua história e quem sabe eu possa ajudá-lo. Diga-me o nome e o endereço de seus amigos, talvez possamos visitá-los juntos.

Esse era o momento certo para que o monstro arriscasse sua sorte. Se fosse aceito, sua felicidade estaria completa e ele teria enfim uma família. Se fosse rejeitado, a infelicidade se incrustaria em sua pele e seria difícil esquecer tamanha decepção. Por isso a criatura hesitou alguns minutos. Tal demora selou seu destino, pois o velho e ele ouviram os passos de Félix, Ágata e Safie voltando do campo e abrindo a porta. Desesperado, o monstro pegou a mão do velho e falou:

— A família de que lhe falei é a sua família. Por favor, ajude-me. Por fa...

— O que é isso?! — exclamou Félix ao abrir a porta e dar de cara com a figura deformada do monstro.

— Largue já o meu pai, monstro!

Félix correu em direção ao monstro e jogou seu corpo contra o dele. O camponês era um sujeito normal, mas parecia tirar forças não sei de onde, pois conseguiu derrubar a pesada criatura. Depois pegou um pedaço de pau e começou a espancá-lo. O monstro poderia facilmente rasgar Félix ao meio, mas não reagiu nem por um só instante. Ágata desmaiou e Safie fugiu em direção ao campo. Triste e abatida, a criatura deixou o chalé.



CAPÍTULO 6

Totalmente **DESILUDIDO**, o monstro correu pela floresta o dia inteiro e passou a noite por lá. No outro dia, ao voltar para o chalé, a criatura o encontrou vazio. Félix, Safie, Ágata e o velho cego haviam se mudado com medo de que ele voltasse. Ao sentir o silêncio nas paredes daquela casa que tanto lhe havia feito bem, o monstro entrou em desespero, demoliu o jardim e colocou fogo no chalé. A plantação e os animais já haviam sido entregues ao **SENHORIO**, senão o monstro os teria destruído também. De alguma forma a energia da violência fazia bem para ele e, após arruinar tudo, ele se sentia mais calmo.

Quando a noite chegou ele se atirou na **RELVA** úmida e ficou pensando por que o mundo era tão injusto com ele. Por que dentre todos os seres do planeta não existia nenhum capaz de entendê-lo ou aceitá-lo? Por que sua vida era destinada ao fracasso e ao sofrimento? Só havia uma resposta para todas essas angústias: Vítor Frankenstein.

Ao se dar conta de que sua ruína estava extremamente relacionada à minha pessoa, o monstro foi tomado de um profundo ódio por mim. Nos apontamentos de minha pesquisa ele descobriu que minha família era de Genebra e para lá rumou, na esperança de me encontrar. Foi difícil para o monstro encontrar a cidade, pois tivera pouco contato com a geografia quando espionava as aulas que Safie recebia. Além disso tinha que viajar à noite, para evitar os seres humanos. Contudo, após alguns meses, o monstro encontrou o caminho para Genebra e, chegando lá, como você já deve **PRESUMIR**, o monstro encontrou meu pequeno irmão William, brincando no bosque perto de casa. Primeiro a criatura pensou que a criança o aceitaria. O monstro chegou a me dizer que achava que William, por ser uma criança, não teria preconceito contra a sua feiúra. Seu plano era raptar o garoto e criá-lo longe do mundo civilizado, como sua única companhia. Seu plano deu errado, pois William teve muito medo daquela figura asquerosa e começou a xingá-lo. O monstro se enfureceu. Em princípio não ia matá-lo, mas quando William (tentando se proteger) disse que era filho de Alphonse Frankenstein, um homem muito importante, uma onda de fúria tomou conta do monstro, que começou a estrangular o pequeno William com suas próprias e gigantescas mãos, até arrebentar seu pescocinho, matando-o.

Em seguida o monstro arrancou o medalhão do pescoço do jovem Frankenstein e partiu dali. Logo anoiteceu e, para abrigar-se da chuva que começara a cair, a criatura invadiu um estábulo afastado. A pobre Justine, funcionária da família Frankenstein, cansada e amargurada de tanto procurar por William, a quem considerava quase um filho, tinha entrado no mesmo galpão algumas horas antes e como não achara o garoto lá, resolvera deitar um pouco sobre o feno e descansar. Como estava realmente **FATIGADA**, ela dormiu pesadamente.

Ao entrar no estábulo e vê-la dormindo, o monstro admirou muito suas formas femininas e sua beleza, chegando até mesmo a chamar por ela em sussurros:

— Acorde, minha linda, acorde... Eu quero tanto ver seu sorriso.



SENHORIO: proprietário de um imóvel alugado



RELVA: pasto, campo



PRESUMIR: supor, formular uma hipótese



FATIGADA: cansada, estafada



PÁRIA: que vive fora da sociedade

Justine se mexeu em seu leito e o monstro teve medo de que ela acordasse e pusesse fim ao sonho dele. Então, mais uma vez lamentou sua condição de **PÁRIA** e prometeu vingança, não só contra mim, Vítor Frankenstein, mas contra toda a raça humana. Por isso ele colocou o medalhão no bolso dela. O monstro tinha adquirido conhecimento sobre as leis e as punições e sabia que um assassinato como aquele era punido com a pena de morte.

Ao colocar a prova do crime no bolso do vestido dela, ele a estava condenando. O monstro queria que ela morresse simplesmente porque ela não poderia ser dele. Como ele não era aceito pela humanidade, decidi acabar com ela. Sua ideia era a de espalhar destruição e medo pela Europa, mas antes gostaria de ver Justine ser enforcada, gostaria de saber se seu plano daria certo. Nessa época, eu cheguei a Genebra e o monstro mudou de ideia, começou a me seguir, até nosso encontro na montanha, onde fiquei ao par de todos esses detalhes.

Quando acabou seu relato, o monstro ficou lançando seu olhar amarelo para mim. Minha raiva por ele havia passado um pouco. Percebi de forma definitiva que eu tinha mais responsabilidade pela morte de William do que ele. O fato de tê-lo ouvido contar suas desventuras e infelicidades também me fez ter pena daquele ser grotesco. Aproveitando meu momento de fraqueza, ele falou:

— Ouça muito bem o que eu tenho a lhe dizer. Até agora tive uma vida de amarguras. Procurei em vão pela felicidade e descobri que ela não está ao meu alcance. Só você pode me ajudar. E eu exijo que me ajude. Por isso eu quero que você construa uma companheira para mim. Uma fêmea para que eu possa ter com quem passar minha vida. Alguém para amar e conversar.

— Jamais! — respondi prontamente — Você pode esquecer esse seu plano maluco. Nem sob tortura eu faria outra criatura como você.

— Vítor, eu sou infeliz e cometi atos de violência, mas só fui mau porque não consegui ser aceito pela humanidade. A partir do momento em que eu tiver alguém como eu para dividir minha vida, eu não terei mais motivos para ser mau e voltarei a ser uma boa criatura. Por favor, faça-me feliz ao menos uma vez.

— Mas quem garante que vocês dois não se uniriam contra o resto da humanidade? Quem garante que não seriam dois monstros querendo vingança contra um planeta que não os aceita?

— Eu lhe dou minha palavra, Vítor. Eu prometo que minha companheira e eu viveremos longe da civilização. Nós somos mais fortes, resistimos mais ao frio e ao calor e podemos nos alimentar apenas de frutos e raízes, por isso vamos viver isolados, nas extensas florestas da América do Sul.

— Eu não sei se posso confiar em você, pois seu coração já mostrou possuir muita maldade. Não sei se posso confiar naquele que matou meu irmão!

— Eu juro que não voltaremos e que viveremos de modo pacífico. O amor de minha companheira irá apagar qualquer vestígio do mal em mim.

Eu estava cansado, com frio e com muito remorso por ser o responsável pelo falecimento de William. Além disso, a solicitação do monstro parecia justa e, se ele cumprisse com o prometido, poderia ser uma saída pacífica para o conflito. Refleti



por muitos minutos de um silêncio cortante entre mim e minha monstruosa criação. Pensei que, se eu não construísse uma companheira para a criatura, ela continuaria sua trilha de terror e esse fato pesou muito em minha decisão. Por fim, perguntei:

— Você jura **SOLENEMENTE** deixar o continente Europeu e qualquer outro lugar dominado pelo homem para sempre, assim que eu construir uma companheira para você?

Ele jurou e agradeceu muito pela minha boa vontade. Em seguida saiu correndo e pulando pelo monte nevado. Eu comecei meu longo retorno para casa, pensando na dura tarefa que me aguardava.

CAPÍTULO 7

No outro dia, já no conforto do lar, eu analisava com frieza a proposta na qual eu havia me metido. Com certeza teria de buscar instrumentos e informações com outros cientistas, teria de voltar a estudar, coletar materiais e dedicar várias horas à pesquisa **ÁRDUA**. Faltava-me ânimo para começar. No fundo eu temia que a criação de uma fêmea para o monstro me gerasse mais problemas do que tranquilidade, mas não era forte o bastante para admitir isso e cancelar aquela promessa absurda.

Meu pai notou minha angústia e conversou comigo sobre meu futuro. Disse-me que lhe agradaria muito ver-me casado com Elizabeth, se esse fosse meu desejo. Naqueles dias, a própria Elizabeth me comunicou que tudo o que ela mais queria na vida era o meu amor. No entanto, devido às minhas constantes ausências, ela achava que eu tinha outra mulher em meu coração, por isso ela me pedira para ser sincero. Pedi que eu lhe dissesse sem medo se eu a queria. Disse-me ainda para que eu fosse feliz da forma que eu escolhesse, pois o sonho dela era me ver feliz. Se eu tivesse outro amor, deveria me sentir livre para me entregar a ele, sem me preocupar com ela.

Eu disse àquela criatura maravilhosa que em toda a minha vida eu nunca amei outra mulher. Apenas Elizabeth habitava meus sonhos e era com ela que eu queria ter ficado para sempre. Se eu pudesse voltar no tempo, não teria ido para Ingolstadt e não teria perdido mais de dois anos na construção de um monstro. Em vez disso, teria casado com a minha bela Elizabeth, teria tido filhos e uma vida tranquila.

Embora esse fosse o meu desejo, quando ela e meu pai me procuraram perguntando sobre o casamento, eu pedi a eles um tempo. Disse que gostaria de viajar pela Europa em busca de inspiração, pois de nada adiantaria casar num momento depressivo. Na verdade o que eu queria era me afastar deles para começar a cumprir a promessa que eu fizera ao monstro. Afinal, não conseguiria fabricar a outra criatura em casa! Meu pai apoiou meus planos de viagem, pois eles eram minha primeira iniciativa pessoal em muitos dias. Contudo, conversou com meu amigo Henry Clerval para que me acompanhasse. Meu pai tinha medo



ÁRDUA: difícil, dura

de que eu voltasse a adoecer e não tivesse ninguém para cuidar de mim.

Sem poder contestar a decisão dele, aceitei a presença de Henry Clerval e juntos partimos. Visitamos paisagens lindas, descendo o rio Reno de Estrasburgo até Roterdã, de onde seguiríamos caminho até Londres. Hoje a lembrança desses bons momentos e da companhia agradável de Henry me cortam o coração, mas não quero falar disso agora, pois devo continuar este relato.








Na Inglaterra visitei alguns pesquisadores e consegui informações e instrumentos de que precisava para minha **EMPREITADA**. Depois segui para o norte da Escócia, onde, numa pequena ilha, pouco habitada, aluguei um chalé e montei meu laboratório. Insisti para que Henry não me acompanhasse, pois era preciso privacidade para pôr em prática o meu plano. Henry então continuou sozinho a viagem pelo Reino Unido.

Na ilha eu consegui impor um bom ritmo de trabalho. Trabalhava durante todo o dia, mas caminhava ao entardecer pela beira da praia e à noite retomava minhas atividades. Sabia que estava atrasado no cumprimento de minha promessa e temia que o monstro fizesse mal a algum de meus familiares. Por isso, a cada carta que recebia do lar dos Frankenstein, meu coração disparava de medo que algo estivesse errado. Mas felizmente tudo corria bem e as palavras de meu pai e de minha amada Elizabeth me alegravam bastante em minha solidão.

Uma noite, já cansado, quando minha tarefa já estava quase concluída, sentei e fiquei meditando sobre minha vida. Três anos antes eu estava fazendo a mesma coisa, dedicando todos os meus esforços para brincar de Deus, para dar vida a pedaços de cadáveres. Quando finalmente obtive sucesso, não fui capaz de lidar com ele e minha criação só me trouxe infortúnios. Não bastassem meu desgaste físico e mental e as mortes de William e Justine, lá estava eu novamente cometendo o mesmo erro. Naquele momento eu tive certeza de que construir outra criatura era uma estupidez.

Por isso comecei a destruir aquela fêmea enquanto várias questões me davam força para rasgar seus tecidos amarelados, arrancar suas costuras e desligar os aparelhos. Pensei que não havia como prever qual seria o caráter dela. E se ela fosse muito pior do que o primeiro monstro? E se ela o odiasse e se recusasse a morar na floresta, afinal ela não havia prometido nada a ninguém. E se ela não amasse o monstro e o achasse horrível? O que aconteceria se ela também se revoltasse contra a humanidade? Ou pior, o que aconteceria se eles fossem capazes de procriar e, a partir desse herdeiro, comesçassem uma nova raça?

Seria o fim do predomínio humano na Terra. Por isso eu desfiz todo meu trabalho e, quando já estava quase no fim, percebi que algo me observava pela pequena janela do laboratório. Era ele! O monstro estivera em meu **ENCALÇO** todo o tempo e agora assistia **EMBASBACADO** ao fim de seu sonho. Devia ter

-  **EMPREITADA:** empreendimento, projeto
-  **ENCALÇO:** perseguição
-  **EMBASBACADO:** surpreso, perplexo
-  **PERPLEXIDADE:** qualidade de perplexo
-  **URRO:** grito
-  **PRIVOU:** proibiu, impediu
-  **PROPÓSITO:** objetivo

chegado à janela há pouco tempo, caso contrário, teria me impedido, mas ao me ver ele saiu do estado de **PERPLEXIDADE** em que se encontrava e soltou um **URRO** impressionante de dor.

— Você!! Você me enganou, Vítor Frankenstein! Você me **PRIVOU** de ser feliz. Todo ser vivo é livre para buscar seu companheiro, todos os animais encontram seus pares, mas eu fui condenado por você a ser só e infeliz. Por isso, Vítor, a partir de hoje, meu único **PROPÓSITO** nesta vida será causar a sua infelicidade. Quero que você passe pelas mesmas misérias físicas, intelectuais e morais pelas quais eu passei. Quero que você sofra como eu tenho sofrido! E se você se casar com Elizabeth, saiba que eu estarei com você em sua noite de núpcias. Você vai se arrepender de um dia ter nascido!

É claro que na hora eu tive medo. Mas depois que ele foi embora eu me senti aliviado, como quem acredita ter feito a coisa certa. Naquela madrugada mesmo, recolhi todo meu material e os restos do que seria a nova criatura e pus num barco a vela. Naveguei por cerca de vinte quilômetros e despejei os sacos com os instrumentos, anotações e o corpo da fêmea no mar gelado da Escócia.

Uma incrível sensação de dever cumprido tomou conta de mim. Então amarrei o leme e me deitei no convés da pequena embarcação. A ondulação e o doce ruído do mar me guiaram até as profundezas de um sono merecido. Dormi por muitas horas e quando acordei o sol já estava bem forte. Devia ser quase meio-dia! Um vento forte me impulsionou para longe da praia onde eu estava e, sem poder lutar contra ele, deixei que me levasse. No final da tarde, quando eu já estava desesperado, pensando que morreria de sede em alto-mar, avistei um fiapo de terra firme ao leste e para lá rumei.

Quando me aproximei da costa pedregosa, fiquei mais calmo e mantive o curso até achar uma baía com algumas embarcações ancoradas. Parecia que minha sorte havia mudado! Estava salvo. Porém, quando desembarquei, fui muito maltratado pelos locais. Quando perguntei o porquê de ser tão mal recebido, um jovem ruivo me falou:

— *Não gostamos de assassinos!*

Fiquei surpreso ao ouvir aquela declaração. Na verdade eu havia cometido assassinatos indiretos, mas era impossível que naquele vilarejo a população soubesse disso. Eu deveria estar sendo confundido com algum criminoso. Minhas dúvidas logo seriam esclarecidas, pois um policial apareceu e me levou ao **MAGISTRADO**.

Mesmo com fome, sede e dores musculares pelo corpo todo, fui levado à presença das autoridades. Lá fiquei sabendo que, na noite anterior, os pescadores tinham achado o corpo de um homem na praia. Não era o corpo de um afogado, pois suas roupas estavam secas. O homem estava morto, com o pescoço **TRUCIDADO**. Num momento posterior ao crime, duas testemunhas afirmaram ter visto um homem partindo solitariamente num pequeno barco exatamente da mesma praia em que o morto havia sido encontrado.

O magistrado então me levou até o corpo, pois queria observar a minha reação ao vê-lo. Ao espiar dentro do caixão, tive um choque! Meu amigo Henry Clerval es-



MAGISTRADO: autoridade administrativa e/ou judiciária



TRUCIDADO: aniquilado



DESATINADO: desesperado



LASTIMÁVEL: digno de pena

tava lá dentro, morto injusta e violentamente pela criatura que eu construía. **DESATINADO**, comecei a falar com o pobre Henry:

— Henry, meu amigo, me desculpe! Eu o matei! Minha ciência assassina tirou sua vida! Minha criação monstruosa o desgraçou! Pobre Henry, pobre amigo!

Aquelas palavras sofridas e desesperadas me levaram direto para a cadeia, onde eu adoeci e novamente tive alucinações e delírios febris. Ao ser informado de meu estado **LASTIMÁVEL**, meu pai foi me visitar. Fiquei feliz em revê-lo e ao saber que Elizabeth e meu outro irmão Ernest estavam bem. Meu pai estava horrorizado com o destino terrível de Henry, mas acreditava em minha inocência.

Um médico e uma enfermeira ajudaram em minha recuperação e três meses depois eu ia a julgamento. Felizmente meus advogados conseguiram provas e testemunhas de que eu me encontrava na ilha no momento em que Henry havia sido morto. No entanto, nem a absolvição me trouxe a paz de volta. Eu sabia que aquele demônio amarelado estava **À ESPREITA**, pronto para me fazer infeliz.






Restava-me voltar à Suíça e tentar **ZELAR** por aqueles a quem eu amava e ainda estavam vivos. Quando **ABDIQUEI** de construir a segunda criatura, sabia que estava colocando em risco meus demais familiares. Sabia que teria de lutar com todas as minhas forças contra o demônio que matara William, Justine e Henry. Prometiera a mim mesmo que daria a minha vida para defender Elizabeth e os outros.

CAPÍTULO 8

Assim que saí da prisão tratei de reatar meus laços de carinho com o amor de minha vida. Elizabeth me ouvia e me ajudava em minhas crises. Ela era um mar de tranquilidade, tão diferente dos **TORMENTOS** de minha vida, que eu não tive dúvidas, queria que ela ficasse comigo pelo resto de nossas vidas. Assim, marcamos o casamento.

À medida que a grande data se aproximava, eu ia ficando angustiado. Afinal, o monstro jurara vingança. Prometiera estar presente em minha noite de núpcias. Por isso me precavi. Comecei a andar armado com um belo e pesado punhal e um revólver. As armas me deram segurança e, com o passar dos dias, consegui evitar o medo e passei a pensar que a criatura talvez tivesse desistido de sua vingança ou que, quem sabe, ela houvesse morrido em alguma fatalidade.

Dessa forma, meu pai organizou uma grande festa e muitos convidados participaram de meu casamento com Elizabeth. Ela estava linda em seu vestido de noiva. Seu sorriso branco e seu olhar brilhante me causam muita **COMOÇÃO** quando lembro da felicidade dela. Após a festa fizemos um passeio de barco, que seria a

-  **À ESPREITA:** à espera, na expectativa
-  **ZELAR:** cuidar
-  **ABDIQUEI:** abri mão, renunciei
-  **TORMENTOS:** problemas, preocupações
-  **COMOÇÃO:** emoção fortíssima

primeira etapa de nossa lua-de-mel na Áustria. O dia estava lindo e, embalados pelo amor, ficamos abraçados admirando a paisagem e pensando que enfim poderíamos ser felizes. Contudo, quando o sol mergulhou atrás dos Alpes, um arrepio percorreu minha espinha e eu voltei a me preocupar.

Logo no começo da noite chegamos à hospedaria, jantamos e Elizabeth foi para o quarto preparar-se para a grande noite de nosso relacionamento. Quando ela ficou pronta, pedi que esperasse mais um pouco no quarto, que ficava no andar de cima da hospedaria. Eu tinha um pressentimento e não estava certo sobre nossa segurança naquela noite. Comecei então a vasculhar cada canto da hospedaria, mas nada encontrei. Já estava pronto para voltar ao quarto quando ouvi um terrível grito de pânico vindo da parte de cima da casa.

Subi correndo as escadarias e entrei como um tufão no quarto. Que desgraça! Elizabeth, o meu amor, estava caída sobre a cama, com seu vestido de noiva manchado de sangue, com o pescoço fraturado, com a pele branca e fria. Minha esposa estava morta e as cortinas do quarto esvoaçavam, denunciando as janelas abertas por onde o monstro havia entrado para arruinar de vez a minha vida.

Enlouqueci com aquela cena horrível e me joguei sobre meu amor, chorando e gritando de arrependimento. Os outros hóspedes vieram e o dono da hospedaria organizou uma busca com tochas, mas a criatura maligna nunca apareceu. Muitos acharam que eu havia imaginado tal criatura e que estaria fora de mim.





No outro dia rumei para a Suíça. Temia que o monstro atacasse meu pai e meu irmão. Além disso me sentia um fracassado. Estava muito deprimido e possuído por um sentimento de vingança. Toda essa fadiga me levou a um **COLAPSO** nervoso e novamente fui preso, acusado pelo assassinato de meu amor e, mais uma vez, adoeci na prisão. No **CÁRCERE**, fiquei sabendo que meu pai estava morto. Os sofrimentos causados pela perda de Elizabeth, que era para ele como uma filha, foram demais para o velho coração dele, que não resistiu a tamanho **FARDO**.

Novamente eu tive a sorte de ter testemunhas depondo a meu favor, já que no momento em que Elizabeth fora atacada eu estava no primeiro andar. Desse modo fui absolvido. Assim que deixei a prisão tratei de visitar o cemitério onde estavam William, Justine, Henry, Elizabeth e meu pai. Ao pé das sepulturas daqueles que eu amava, jurei vingança contra o monstro. Jurei que perseguiria aquele demônio até o fim do mundo se fosse preciso, mas que conseguiria expulsá-lo da face da Terra.

Assim que terminei de pronunciar minhas juras no cemitério, ouvi uma sonora gargalhada. Quando olhei para trás, vi o monstro entre os arbustos com um sorriso irônico no rosto. Ao ver minha tristeza, ele falou:

— Vá se acostumando com a miséria, seu canalha.

Quando me levantei para atacá-lo, ele se foi. Como eu estava despreparado e triste, decidi não ir em seu encalço naquela hora. Achei melhor esperar e me preparar.

-  **COLAPSO:** ruptura, ataque
-  **CÁRCERE:** prisão, cela
-  **FARDO:** carga, peso
-  **A ESMO:** sem rumo, sem direção

Voltei para casa, vendi as joias da família e investi todas as posses que me restavam em equipamentos para caçar o monstro. Desde então esta tem sido a minha vida. Há muitos meses venho seguindo os rastros do monstro pelo vale do rio Reno, pelo litoral do Mar Mediterrâneo, nos campos gelados da Rússia...

Por onde o monstro passava deixava o povo perplexo e eram os boatos e os relatos do povo que me mantinham firme em minha perseguição. Mas uma vez eu perdi o rastro dele e rumei **A ESMO** durante uma semana por uma floresta. Já estava desanimado quando notei numa árvore uma inscrição deixada pelo monstro:

SE VOCÊ QUER SUA VINGANÇA, SIGA-ME ATRAVÉS DAS
PISTAS QUE EU DEIXAREI. ESTOU INDO PARA O NORTE, RUMO
AO GELO, ONDE VOCÊ IRÁ SOFRER OS RIGORES DO FRIO.

Dias depois, já em território nevado, encontrei outra mensagem do monstro:

É MELHOR VOCÊ ESTAR PREPARADO. PROTEJA-SE
DO FRIO E TRATE DE ARRUMAR PROVISÕES. DAQUI PARA
FRENTE, O GELO POLAR IRÁ LHE ENSINAR O QUE É SOFRER.

Eu ficava irritado com aqueles recados, mas tenho que reconhecer que sem eles eu não teria condições de ir atrás do monstro. Tive que trocar de trenó duas vezes, à medida que penetrávamos no coração do gelo. Os cães que morriam cansados eram substituídos por outros sempre que eu chegava a uma nova localidade.

No começo a criatura estava dois dias à minha frente, mas com muito esforço eu consegui diminuir a distância entre nós. Quando cheguei ao último povoado no extremo norte do planeta, seus habitantes me disseram que o monstro havia estado lá no dia anterior e que havia roubado toda a comida daquela comunidade isolada. Para eles o monstro morreria com os rigores do inverno no fim do mundo, por isso não queriam que eu prosseguisse em minha aventura suicida.

Mas eu prossegui e, seguindo pistas deixadas pelo monstro (e me alimentando de provisões também deixadas por ele), entrei com meu trenó sobre o oceano congelado. Como a distância entre as pistas e os alimentos deixados por meu inimigo eram cada vez menores, eu deduzi que estava muito perto dele. No outro dia o tempo estava limpo e já era possível distinguir suas pegadas na neve. Ele estava a menos de cinco quilômetros de mim. Essa era a minha motivação para lutar e seguir em frente, mas até meus ossos pareciam estar congelados.

Contudo, mais uma vez o destino brincou com minha vida. Estava perto da parte descongelada do oceano e, antes que pudesse enfim chegar até o monstro, houve um poderoso estrondo no mar congelado. Era a crosta de gelo se rompendo e me deixando à deriva no mar glacial. Parecia que tudo estava perdido para mim, pois eu estava ilhado no bloco de gelo, separado pelo oceano do monstro que ficara do outro lado da rachadura.

Tentei voltar e descobrir se havia alguma parte intacta naquela imensa placa de gelo. Eu sabia que aos poucos ela se derreteria e eu morreria afogado, por isso passei horas procurando uma saída com meu trenó até que encontrei o navio de vocês, aqui, no lado oposto do grande bloco congelado.

Esta é minha história, capitão Walton. Estou muito fraco e sei que vou morrer. Sei também que aquele monstro está vivo em algum lugar lá fora. Por isso eu lhe **IMPLORO** que faça de tudo para matá-lo assim que ele aparecer. Por favor, prometa-me que você me ajudará a vingar a morte dos que eu amava. Prometa também que não dará ouvidos a ele, pois ele é o demônio e sabe muito bem como convencer alguém. Walton, só você e sua tripulação podem livrar o mundo dessa praga. Eu o ajudarei com minhas últimas forças ou com meu espírito e estarei com você quando a vida deixar a pele daquela aberração.

DIÁRIO DE BORDO DO CAPITÃO ROBERT WALTON

Como eu disse antes, esta história me foi contada pelo Doutor Vítor Frankenstein durante os dias em que ele esteve a bordo de meu navio. O pobre homem estava muito fraco, dormia a maior parte do tempo, mas, quando estava acordado, era uma ótima companhia e suas histórias enchiam minha mente de imagens e pensamentos. À noite, enquanto ele dormia, eu transcrevia seus relatos para este diário.

Agora que sua história chegou ao fim, confesso que tenho dúvidas. Não sei ao certo que rumo tomar. Meu navio não está mais preso ao gelo, mas existem milhares de blocos soltos no oceano e tentar desafiá-los e seguir em minha jornada rumo ao Ártico é algo muito arriscado. Além disso o frio nos castiga e parte da população pensa em se amotinar, tomar o comando do navio e navegar em direção ao sul, para longe da neve.

Vítor censura muito a minha ambição de querer ser o primeiro homem a cruzar o Círculo Polar Ártico. Para ele a vaidade estraga a ciência e sua vida é um exemplo disso. Eu não sabia ao certo se acreditava na história de Vítor e em sua filosofia, até que o pobre homem usou de todas as suas forças restantes para tentar me **DISSUADIR** de minha loucura pessoal. Sua saúde estava muito mais fraca do que pensávamos e, **AÇOITADO** pelos rigores do frio, Vítor morreu me fazendo prometer novamente que iria terminar sua missão e matar o monstro.

Talvez houvesse algum tipo de ligação sentimental entre Vítor e sua criatura, pois assim que o criador fechou os olhos, foi possível ouvir um **GANIDO** bárbaro vindo do gelo. Os homens **SE ALVOROÇARAM** no navio e se trancaram com medo no porão. Eu saí ao convés, mas uma forte neblina e o frio intenso não me encorajaram a ficar lá. Voltei à minha cabine e, assim que entrei, levei o maior susto de minha vida.



DISSUADIR: fazer desistir



AÇOITADO: atingido



GANIDO: grito



SE ALVOROÇARAM: se agitaram, ficaram eufóricos

A criatura dos relatos de Vítor estava lá dentro, junto ao corpo de seu criador. É realmente difícil para mim conseguir descrevê-lo, tamanho foi o impacto que sua figura distorcida me causou. Ao me ver ele se assustou e pulou para o outro canto da sala. Lutei contra mim mesmo para não sair correndo dali, porém não havia forma de atacá-lo ou de chamar minha tripulação. Antes que os homens chegassem eu já estaria morto. Por isso permaneci quieto, com o coração disparado.

Minha atitude pegou o monstro de surpresa, pois ele estava acostumado a ver gente fugindo dele ou, quando muito, o agredindo. Talvez por isso tenha começado a falar comigo:

— Eu matei este homem e quase todos aqueles a quem ele amava. Ele me deu a vida, mas não me deu amor. Gostaria que tivesse sido diferente, que pudéssemos ter nos entendido, mas desde o primeiro momento ele me rejeitou. Então eu busquei a vingança. Não contra ele, pois nunca me julguei capaz de agredi-lo diretamente, já que ele era o meu criador. Por isso ataquei seus afetos. Queria que ele se sentisse só e abandonado como eu. Queria que ele atravessasse os mesmos tipos de sofrimento que eu atravessei.

Olhando para mim e depois para o morto, o monstro fez uma pausa e em seguida continuou:

— Bom, parece que agora eu consegui. Está tudo acabado, minha vingança está completa e este é o momento mais infeliz de toda a minha vida. Minha última esperança de uma vida melhor morreu hoje neste navio gelado. Com a morte deste homem morre também meu único propósito em vagar por este planeta. Vítor Frankenstein foi minha última vítima. Adeus, meu criador, adeus, mundo de dores e remorsos. Logo o fogo acabará com a minha vida, espalhando minhas cinzas pelo oceano e trazendo, finalmente, a paz para nossos corações.

Saindo pela escotilha, aquela criatura enorme e incrível pulou do navio para um bloco de gelo que boiava no mar. Depois pulou para outros dois blocos e, neste último, acendeu uma tocha. A luz do fogo iluminou uma espécie de **PIRA** funerária. O monstro então ergueu a tocha e **ATEOU** fogo nas madeiras que logo se inflamaram, dando fim à sua vida.

Eu fiquei observando aquele espetáculo por alguns momentos e depois chamei a tripulação:

- Homens, preparem o navio. Vamos navegar.
- Qual o rumo, capitão? – perguntou o imediato.
- Vamos para o sul, vamos para casa.



PIRA: fogueira onde os gregos e os romanos queimavam os cadáveres



ATEOU: pôs, colocou

ROTEIRO DE LEITURA

- 1) O que levou Vítor Frankenstein a querer criar um ser vivo?
- 2) Você acha que o ser humano tem o direito de criar formas de vida inteligentes em laboratório?
- 3) Por que você acha que Vítor não deu nome à sua criatura?
- 4) Se você fosse Elizabeth, você teria esperado tanto tempo por seu noivo? Por quê?
- 5) A vida de Justine dependia de Vítor, você acha que ele acertou ou errou ao não contar a verdade sobre o assassinato de William para ninguém? Por quê?
- 6) Justine foi julgada e condenada à morte. Você é contra ou a favor desse tipo de sentença judicial? Por quê?
- 7) Quem é o maior “monstro” desta história: o criador ou sua criatura? Por quê?
- 8) Forme uma dupla ou um trio e escolha um trecho do livro para representar aos colegas.
- 9) Se você fosse o autor(a) do livro, o que você mudaria na história?
- 10) Cite algumas semelhanças entre o navegador Robert Walton e o cientista Vítor Frankenstein e diga qual delas você considera mais importante.
- 11) *Frankenstein* foi escrito no começo do século XIX, quando a ciência estava fazendo muitas descobertas, fato que certamente influenciou Mary Shelley a imaginar a história do monstro. Atualmente, quais são os últimos avanços da ciência e que tipo de preocupações ou medo eles inspiram?
- 12) Você já foi tratado de forma diferente ou desigual por ser considerado mais feio ou mais pobre do que outras pessoas ou já viu alguém ser tratado com preconceito? Quando isso aconteceu e como você reagiu?
- 13) Em sua opinião, quais são os preconceitos mais comuns em sua cidade? Você acha que eles são diferentes do resto do Brasil?
- 14) Que parte do livro mexeu mais com você? Por quê?
- 15) De que parte do livro você menos gostou? Por quê?
- 16) Você acha que Vítor agiu certo ao destruir a fêmea que construía para o seu monstro? No lugar de Vítor, o que você faria?
- 17) Se Vítor tivesse realmente construído a fêmea, o que você acha que aconteceria?
- 18) O monstro teve uma conduta vingativa durante a história. Quais foram as consequências dessa atitude dele?
- 19) Você já foi vingativo em algum momento de sua vida? Qual foi o resultado dos seus atos?
- 20) Para quem você torceu e de quem você teve mais pena durante a leitura?

Frankenstein

Mary Shelley

BIOGRAFIA DA AUTORA

Quando Mary Wollstonecraft Godwin nasceu, em 30 de agosto de 1797, tudo a sua volta já parecia preparado para que ela tivesse uma vida muito incomum. Seu pai e sua mãe não eram nada **ORTODOXOS**. William Godwin era um reconhecido filósofo e historiador, ligado à Igreja Calvinista. Sua mãe, Mary Wollstonecraft, foi uma das precursoras na luta pela emancipação da mulher e do movimento que hoje chamamos feminismo. Com 21 anos ela se declarou independente dos pais e começou a dirigir uma escola com a ajuda de suas irmãs.

Anos mais tarde, ela teve um romance com um capitão do exército francês e, desse relacionamento, nasceu Fanny, sua primeira filha. Contudo, o militar a abandonou, e ela voltou à Inglaterra para tentar o suicídio, pois era muito humilhante para uma mulher de sua época ser mãe solteira. Felizmente sua tentativa foi frustrada e após aquela dura experiência ela começou a escrever textos de diversos gêneros, mas seus escritos sobre os direitos das mulheres foram os que lhe renderam fama.

Mary encontrou William pela primeira vez num jantar filosófico e, no outono de 1796, começaram a namorar. Logo ela engravidou e eles decidiram se casar, vivendo, porém, em casas separadas, devido aos seus ideais Iluministas e independentes. Quando Mary Shelley nasceu, sua mãe morreu no parto e William sofreu muito. Como não conseguia dar conta de Fanny e Mary sozinho, ele se casou novamente, com Mary Jane Clairmont, que se revelou uma péssima madrastra para as filhas de Mary Wollstonecraft, pois preferia cuidar de seus próprios filhos.

A infância, pouco peculiar para os padrões da época, acabou fazendo de Mary Shelley uma garota rebelde, impertinente e autônoma. Seu pai a apelidou de Mercúrio, devido à sua rapidez de pensamento. Enquanto as outras meninas tinham aulas de culinária ou recebiam lições de limpeza ou dos deveres de uma esposa, Mary se escondia e lia os mais diversos livros da biblioteca de sua casa. O jantar que queimasse!

Embora fosse rebelde, Mary amava seu pai e o tinha como melhor amigo. Porém, detestava sua madrastra e, talvez por isso, com 8 anos começou a ler a obra de sua mãe. Com 10 anos havia decorado cada palavra do que sua progenitora havia escrito. Provavelmente desse modo Mary se sentisse próxima à mãe ausente.



ORTODOXO: que cumpre fielmente as regras ou princípios de uma sociedade, religião etc.

Na adolescência ela saiu de casa para estudar na Escócia, onde viveu um período muito feliz de descobertas e novas amizades. Quando retornou a Londres, era uma mulher bonita, articulada e capaz de manter conversações filosóficas com qualquer pessoa. Num jantar oferecido por seu pai, Mary foi apresentada ao poeta Percy Shelley, um devotado entusiasta das ideias de William Godwin. Percy era casado, mas, ao conhecer a beleza, erudição e inteligência de Mary, acabou se apaixonando. Quando Mary soube que Percy era também um grande admirador da obra de sua mãe, a jovem se apaixonou por ele.

A ex-mulher de Percy cometeu suicídio em 1816, dois anos após a separação deles. Nesse mesmo ano, Percy se casou com Mary e eles tiveram um filho. O casal tinha muitos amigos escritores e poetas importantes da época e se reuniam com eles frequentemente. Numa dessas reuniões, Mary contou que havia tido um sonho com um ser horripilante que ganhava vida por intermédio de uma máquina. Ao ouvir a história, os convidados se animaram e passaram a noite conversando sobre assuntos sobrenaturais. O poeta Byron propôs que os participantes daquele jantar escrevessem uma história de terror. Depois eles julgariam qual seria o melhor trabalho.

Dessa forma, Mary Shelley, aos 20 anos, escreveu *Frankenstein*, publicado originalmente em 1818 com o título de “Frankenstein ou o Moderno Prometeu”. Em 1822, Percy Shelley morreu tragicamente num naufrágio. Ele, Byron e os outros participantes do concurso nunca acabaram seus textos, mas Mary Shelley, apesar da pouca idade, escreveu um livro que influenciaria toda a história da literatura, inaugurando narrativas que mesclam o tema da monstruosidade com a ficção científica. Anos mais tarde, outros autores seguiriam pelo mesmo caminho, com obras também famosas como *O Médico e o Monstro*, de Stevenson; *Drácula*, de Bram Stoker; *Os Crimes da Rua Morgue*, de Allan Poe; e *O Homem Invisível*, de H. G. Wells.